

O CONCEITO DE ANALOGIA DO CONHECIMENTO DE DEUS NO PENSAMENTO HUMANO EM CORNELIUS VAN TIL

Ronaldo Barboza de Vasconcelos*

RESUMO

Este artigo introduz brevemente um dos conceitos mais importantes da apologética do pastor e teólogo Cornelius Van Til. Inicialmente, o trabalho visa apresentar as distinções entre o conceito de analogia de Van Til e o de Tomás de Aquino, especialmente quanto à dependência deste último em relação à *analogia entis* aristotélica. Essa distinção é crucial para compreender as críticas feitas por Gordon Haddon Clark e para propor uma possível reconciliação. A segunda metade do artigo dedica-se à apresentação positiva do conceito de analogia nos principais escritos de Cornelius Van Til.

PALAVRAS-CHAVE

Cornelius Van Til; Analogia; *Analogia entis*; Tomás de Aquino; Gordon Clark.

INTRODUÇÃO

João Calvino (1509-1564), em suas *Institutas da Religião Cristã*, afirma que o conhecimento de Deus e conhecimento de si é aquilo que constitui o fundamento de quase todo conhecimento. Essa afirmação remonta a uma tradição que tem origem em Agostinho de Hipona, mas que certamente também é devedora da filosofia grega, mais especificamente da platônica. Quando Sócrates considerou o que estava escrito na entrada do oráculo de Delfos,

* Mestrando em Teologia Filosófica (STM) pelo CPAJ; mestrando em Filosofia pela Universidade Católica de Pernambuco; bacharel em Teologia pelo Seminário Presbiteriano Rev. José Manoel da Conceição (2013) e pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (2014). Pastor efetivo da Primeira Igreja Presbiteriana de Casa Caiada, em Olinda (PE).

estava também considerando aquilo que fundamentava a sua filosofia. Contudo, distanciando-se dos gregos, Agostinho introduzirá o conhecimento de Deus como fundamento para o conhecimento de si, o que também será seguido por João Calvino, conforme dito acima. Considerando isso, tratar do conhecimento de Deus é tratar daquilo que é a condição da possibilidade do conhecimento para essa tradição. Correndo o risco de anacronismo, para estes o conhecimento de Deus é uma *categoria transcendental* sem a qual todo conhecimento é impossível. Portanto, tratar da possibilidade do conhecimento de Deus é tratar de um assunto que ninguém deve desconsiderar em sua importância.

Por isso, não é de espantar que muitos pensadores tenham desenvolvido caminhos para esse problema. Este artigo tem por alvo introduzir o caminho proposto pelo teólogo e filósofo Cornelius Van Til (1895-1987). Inicialmente, faremos uma breve exposição da distinção entre a teoria de analogia defendida por Tomás de Aquino (1225-1274), reconhecendo o que Van Til defende ao dizer que ela não consegue resolver o dilema da relação entre o conhecimento de Deus e o conhecimento humano, por ser uma tentativa de solução autônoma ou independente de Deus. Também abordaremos a controvérsia estabelecida na década de 1940, protagonizada por Gordon Haddon Clark (1902-1985) e Cornelius Van Til, com foco na ordenação do primeiro. Defendemos que muitas questões poderiam ter sido resolvidas se houvesse maior disposição de ambos os lados para ouvir mais e atacar menos. Embora possamos levantar críticas, muito do que os dois defenderam era semelhante. Assim, cremos que hoje ambos já desfrutam de plena comunhão em Cristo, a qual foi temporariamente perdida durante os debates. Por fim, trataremos do conceito de analogia em Van Til. Nosso ponto de partida é a defesa que Van Til faz do atributo da onisciência de Deus e, portanto, da natureza do conhecimento de Deus. Concluimos com o que Van Til demonstra sobre a natureza do conhecimento humano em analogia ao conhecimento de Deus.

1. O CONCEITO DE ANALOGIA EM TOMÁS DE AQUINO

“Pensar os pensamentos de Deus após ele”¹ é uma frase conhecida de Cornelius Van Til, usada para explicar o que ele chamou de analogia do conhecimento de Deus. Essa analogia buscava solucionar um grande problema da filosofia cristã, a saber: *Como o conhecimento de Deus relaciona-se com o conhecimento humano?* Esse assunto recebeu bastante atenção na escolástica, especialmente a partir das teses de Tomás de Aquino. Van Til compreendia que a *analogia entis*, a versão católica para solução do problema, “concentrava

¹ VAN TIL, Cornelius. *Defense of the Faith*. Philadelphia, PA: The Presbyterian and Reformed Publishing Company, 1955, p. 118-119, 125, 339; VAN TIL, Cornelius. *A Survey of Christian Epistemology*. Nutley, NJ: Presbyterian and Reformed, 1969, p. 19, 56, 65-66. Versão digital disponível em: <https://presupp101.files.wordpress.com/2011/08/van-til-a-survey-of-christian-epistemology.pdf>.

todas as heresias romanistas”.² Portanto, fazer uma comparação entre a visão romanista, baseada em Aquino, e a visão reformada, baseada em Van Til, é fundamental para compreender não apenas a distinção com os católicos romanos, mas também como a visão reformada se mostra superior na resolução do problema.³

Para Aquino, o conhecimento de Deus envolve um grande mistério. Isso ocorre porque o ser de Deus, superior em tudo à criação, não pode ser conhecido da mesma forma que as coisas são conhecidas na experiência. Na *Suma Contra os Gentios*, Aquino, após tratar das provas da existência de Deus, afirma:

Após ter demonstrado haver um primeiro ente que denominamos Deus, convém investigar as suas propriedades. Porém, na consideração da substância divina, deve-se usar sobretudo da via da remoção, visto que a substância divina excede, pela imensidade, toda forma que o nosso intelecto atinge. Por isso, não podemos conhecê-la apreendendo dela *o que é*. Assim, poderemos ter alguma noção da mesma *pelo que não é*, e tanto mais nos aproximaremos de seu conhecimento quanto mais nosso intelecto remover-lhe os atributos.⁴

A via da remoção é um dos métodos de conhecimento que Aquino adota para a apreensão da realidade. Esse método, que se baseia nas negações sobre o ser de Deus – isto é, em distinguir Deus da criação –, é o meio seguro que Aquino encontra para discutir a substância divina, evitando o ceticismo que poderia decorrer da incompreensibilidade de Deus. No entanto, ele não chega a negar completamente a possibilidade de predicação sobre Deus. Ainda na *Suma Contra os Gentios*, Aquino discute a possibilidade da predicação de Deus a partir das perfeições das criaturas. Podemos observar o que posteriormente será criticado por Van Til em relação à doutrina da participação do Ser, derivada da *analogia entis* aristotélica, que se torna fundamental para Aquino em sua doutrina sobre a relação entre o ser de Deus e das coisas.

Como em Deus encontram-se todas as perfeições da criatura, se bem que de modo mais eminente, todos os nomes que designam absolutamente uma perfeição sem defeito predicam-se de Deus e das coisas como, por exemplo, a bondade, a sabedoria, o ser e outros semelhantes. Mas qualquer nome que exprima estas perfeições de modo próprio às criaturas não se pode predicar de Deus senão por semelhança e metáfora, pela qual se transfere a uma coisa o que é próprio de outra, como quando dizemos de um homem duro de entendimento, que é pedra.⁵

² VAN TIL, Cornelius. *O pastor reformado e o pensamento moderno*. São Paulo: Cultura Cristã, 2010, p. 77.

³ É importante ressaltar que parte da tradição reformada vê em Tomás de Aquino suas bases filosóficas e discorda veementemente da crítica de Van Til.

⁴ TOMÁS DE AQUINO, *Suma Contra os Gentios*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1990, Vol. 1, I.14.1.

⁵ *Ibid.*, I.30.1.

Nesta última citação pode-se ver a apresentação do que será a teoria da analogia para Aquino.

Aquino não acha que podemos entender o que é para Deus ser bom, já que ele não acredita que podemos entender o que Deus é. Mas tampouco ele acha que “Deus é bom” não pode ser considerado literalmente verdadeiro, embora a frase deva falhar em expressar o que Deus é, já que Deus é inteiramente simples e já que Deus não pode exibir bondade de uma maneira que qualquer coisa que não seja divina poderia.⁶

Essa teoria da analogia será fundamental para compreender a distinção que Aquino tentará fazer com respeito à univocidade e equivocidade do conhecimento de Deus.⁷ Na sua *magnum opus*, a *Suma Teológica*, Aquino explica o que quer dizer por analogia para o conhecimento de Deus:

Devemos, portanto, dizer que os nomes em questão predicam-se de Deus e das criaturas, analogicamente, i. e., em virtude de uma proporção. E isto pode se dar com os nomes, de dois modos. Ou porque muitos termos são proporcionais a uma mesma realidade. E assim, são se diz tanto de um remédio como da urina; enquanto que esta e aquele se ordenam e proporcionam à saúde do animal, da qual a urina é o sinal, e o remédio, a causa da saúde do animal ou porque um termo é proporcional a outro, assim, são se diz do remédio e do animal, por ser aquele a causa da saúde deste. E, deste modo, certos nomes predicam-se de Deus e das criaturas analogicamente e não em sentido puramente equívoco, nem puramente unívoco pois, não podemos designar a Deus senão pelas criaturas, como já dissemos.⁸

Aquino explica sua teoria da analogia a partir da relação de proporcionalidade que ele encontra no exemplo do termo “são” em relação ao remédio e à urina. O *remédio são* é aquele que traz cura, saúde ao doente, e a *urina sã* é aquela que está livre de doenças. O termo empregado não está numa relação unívoca, pois está sendo usado de forma distinta; contudo, também não está sendo usado de forma equívoca, pois não há uma distância tão grande no sentido que se emprega para estabelecer uma equivocidade.

⁶ DAVIES, B. *Thomas Aquinas's Summa Contra Gentiles: A Guide and Commentary*. Oxford: Oxford University Press, 2016, p. 74.

⁷ Em resumo, os principais pontos que Aquino faz em *Suma Contra os Gentios* 1,28–36 são: 1. Uma vez que Deus é inteiramente simples, nossa maneira humana de falar sempre fica aquém quando falamos sobre Deus. Isso ocorre porque nossa maneira humana de falar lida com ou reflete um entendimento do que é composto. 2. No entanto, algumas palavras que usamos ao falar do que não é divino podem ser usadas para falar verdadeira e literalmente de Deus, embora signifiquem o que Deus é de maneira imperfeita, porque Deus é inteiramente simples. DAVIES, op. cit., p. 75.

⁸ TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. I.13.5. Disponível em: <https://sumateologica.files.wordpress.com/2017/04/suma-teolc3b3gica.pdf>.

Assim, ele está analogamente relacionado aos dois casos. Este é o sentido empregado na analogia de Tomás para estabelecer que a predicação a Deus deve ser designada pelas criaturas, isto é, a partir das criaturas. Pois, pelos efeitos se conhece a causa. “E assim, pode haver proporção entre a criatura e Deus, enquanto aquele se lhe refere como o efeito à causa, e a potência ao ato. E neste sentido o intelecto criado pode ser proporcionado ao conhecimento de Deus”.⁹

Cornelius Van Til faz muitas críticas ao conceito de analogia de Aquino. A dependência dele da metodologia pagã de filosofia, especialmente Aristóteles, indica que a filosofia do grande escolástico não é genuinamente cristã, mas uma síntese do motivo grego de religião.¹⁰ Van Til critica essa analogia em várias de suas obras. Em *Survey of Christian Epistemology*, ele escreve:

Aquino fala da necessidade do raciocínio analógico. Mas o ponto é que ele não é consistente nisso. Ele constantemente volta à posição grega de que é razoável e possível que o homem se engaje na tentativa de resolver essas antinomias. Além disso, o que Tomás de Aquino entende por raciocínio analógico baseia-se na noção aristotélica de analogia do ser. Essa noção implica que a racionalidade abstrata de Parmênides e a diversidade abstrata de Heráclito estão envolvidas uma na outra. A noção tomista de conhecimento analógico é, portanto, o oposto direto da ideia de conhecimento analógico inerente ao pensamento mais maduro de Agostinho. A noção de analogia de Agostinho pressupõe os ensinamentos bíblicos da Trindade, da criação e da redenção, enquanto a noção tomista de analogia é construída na filosofia aristotélica e, portanto, exclui esses pressupostos bíblicos.¹¹

A *analogia entis* em que Aquino se fundamenta é derivada da teoria aristotélica sobre a relação dos seres enquanto participantes uns dos outros e do Ser (substância). A questão aqui se coloca em termos ontológicos antes que epistemológicos. As criaturas participam da substância do Ser de Deus numa relação de causa e efeito, pois todas as criaturas são oriundas do ser divino. Portanto, toda a perfeição que houver na criatura aponta para a perfeição de Deus. No entanto, dessa relação jamais poderia se concluir que há uma relação de identidade (univocidade) de Deus para com as criaturas. Certamente, isso seria ver demais no que Aquino defendeu.

De fato, os efeitos mais imperfeitos que as suas causas não convêm a elas no nome e no conceito, mas há necessidade de que haja entre ambos alguma semelhança, por caber à natureza da ação produzir efeitos que lhe sejam semelhantes,

⁹ Ibid., I.12.1.

¹⁰ Cf. DOOYEWEERD, Herman. *Raízes da cultura ocidental*. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.

¹¹ VAN TIL, *A Survey*, p. 58.

visto que cada coisa opera enquanto está em ato. Por isso, a forma do efeito está, de certa maneira, na causa que o excede, mas segundo outro modo e outra razão, pelo que se qualifica a causa de *equivoca*. (...) Assim, também, Deus confere a todas as coisas as perfeições e, por isso, tem ao mesmo tempo semelhança e dissemelhança com todas elas.¹²

Vê-se, portanto, que há na teoria da analogia de Tomás uma tentativa de equilíbrio entre o unívoco e o equívoco no ser de Deus em relação às criaturas. Essa tentativa, contudo, parece falhar em seu objetivo. E essa falha compreende exatamente um dos pontos cegos do escolasticismo medieval, i. e., o dualismo de natureza e graça. Tomás parece não perceber que todo o conhecimento deve ser derivado da ação graciosa de Deus de revelar-se ao homem numa simbiose que impede qualquer tipo de independência entre a revelação geral e a revelação especial.

Van Til pensava que nem a revelação de Deus na natureza nem sua revelação nas Escrituras pretendiam funcionar de forma autossuficiente; cada forma de revelação depende da outra; ambas as facetas da revelação de Deus foram projetadas para serem tomadas em conjunto pelo homem para que ele tenha uma compreensão adequada da realidade. De fato, há uma relação simbiótica entre as duas formas de revelação.¹³

Essa crítica a Aquino nos ajudará mais adiante a entender a própria proposta de Van Til. No entanto, antes de fazermos isso vale considerar uma controvérsia mais recente que teve como pano de fundo a ordenação ao ministério da Palavra do professor de filosofia Gordon Haddon Clark. Nosso objetivo não é lidar com as questões históricas dessa situação, mas apenas compreender o que Clark criticou no conceito de analogia de Van Til e se isso realmente estava presente no conceito de Van Til.

2. A CONTROVÉRSIA ENTRE GORDON CLARK E CORNELIUS VAN TIL

Apesar de usar o mesmo termo, Van Til tem um conceito muito distinto do uso de Aquino. Esse engano fez com que críticos de Van Til escorregassem na linguagem e tentassem reproduzir críticas feitas aos escolásticos aplicando-as a Van Til. Esse é o caso de Gordon Haddon Clark, pastor e filósofo americano que protagonizou uma grande controvérsia com Van Til sobre a incompreensibilidade de Deus. Para Clark, Van Til manteve-se atrelado, com seu conceito

¹² *Suma Contra os Gentios*, I.29.1.

¹³ BAIRD, James Douglas. Analogical Knowledge: A Systematic Interpretation of Cornelius Van Til's Theological Epistemology. *Mid-America Journal of Theology*, Vol. 6 (2015): 77-103, p. 90.

de analogia, à escolástica, fazendo de Deus um ser totalmente desconhecido.¹⁴ Por isso, Clark defende que o conhecimento do homem e de Deus é unívoco quando verdadeiro. Se Deus pensa uma proposição A, sendo A também conhecida pelo homem, ambos estão pensando a mesma coisa, i. e., o mesmo objeto, ainda que Deus detenha um conhecimento qualitativo e quantitativo superior.¹⁵

Essa controvérsia obscureceu bastante o que os dois estavam tentando defender. John Frame (1939-), discípulo de Van Til, percebeu isso e conseguiu apontar alguns equívocos na forma como eles lidaram com o assunto. Ainda que não seja objeto de nossa pesquisa, vale considerar o que Frame tem a dizer sobre o caso.¹⁶

Nenhum deles se saiu realmente bem nessa discussão; cada um entendeu gravemente mal o outro, como veremos. Contudo, ambos tinham preocupações válidas. Van Til queria preservar a distinção Criador-criatura na esfera do conhecimento, e Clark queria impedir quaisquer deduções céticas da doutrina da incompreensibilidade, queria insistir em que conhecemos realmente Deus baseados na revelação. Daí, Van Til insistia que, mesmo quando Deus e o homem estivessem pensando a mesma coisa (numa rosa em particular, por exemplo), seus pensamentos sobre ela jamais seriam *idênticos* – os pensamentos de Deus seriam do Criador, os do homem, da criatura. Essa linguagem levou Clark a temer algum ceticismo.¹⁷

A despeito da aparente má vontade de ambos para se entenderem, o problema com que eles estavam lidando é muito sério. Parece-nos que a tese de Van Til sobre a analogia é fundamental para compreender a distinção entre o conhecimento unívoco e equívoco de Deus e do homem. Clark não percebeu isso, especialmente porque sua leitura estava viciada por pressupostos da crítica ao conceito de analogia de Tomás de Aquino, assim como pelo agnosticismo promovido pela negação da proposicionalidade da revelação de Deus na neo-ortodoxia.

Os escolásticos e neoescolásticos tentam disfarçar o ceticismo desta posição ao argumentarem que embora os predicados não sejam unívocos, nem são

¹⁴ CLARK, Gordon Haddon. *God's Hammer: The Bible and its Critics*. 4ª ed. Tennessee: The Trinity Foundation, 2011, p. 45-61. Este capítulo é a reimpressão do artigo de Gordon Clark publicado em 1957 por *Bibliotheca Sacra*, do Dallas Theological Seminary.

¹⁵ *Ibid.*, p. 52-53. Usei o termo “qualitativo” porque ele realmente foi usado por Clark: “Que há uma importantíssima diferença qualitativa entre a situação do conhecimento no caso de Deus e a situação do conhecimento para o homem não pode ser negado sem repudiar todo o teísmo cristão”. Esse uso parece ter sido ignorado não só por Van Til como por outros críticos de Clark, inclusive Frame, ao tratar da controvérsia. Ver FRAME, John. *A doutrina do conhecimento de Deus*. São Paulo: Cultura Cristã, 2010, p. 55-56.

¹⁶ *Ibid.*, p. 34-56.

¹⁷ *Ibid.*, p. 37.

equivocos, eles são analógicos. Os cinco professores [Van Til etc.] também asseveram que o conhecimento do homem deve ser analógico ao conhecimento que Deus possui (*The Text*, 53). Porém, um apelo à analogia – embora possa disfarçar – não remove o ceticismo.¹⁸

Como já vimos, Van Til foi fortemente contrário ao conceito de analogia escolástico. Apesar de usar o termo “analogia” para sua versão da solução do problema, devemos considerar que acabam aí as similaridades dos conceitos. Para Van Til, a analogia significa “reflexo do pensamento original de Deus”.¹⁹

Esse conceito parte da doutrina da distinção entre Criador e criatura. O ser de Deus, a Trindade ontológica, é distinto do ser das criaturas de tal forma que não há qualquer relação unívoca entre os dois, negando assim qualquer *analogia do ser*, muito diferente do conceito tomista, como acusa Clark. Nesse sentido, o conhecimento de Deus é original, pois o Criador e significador de todas as coisas deve ser distinto do conhecimento que as criaturas têm dele, de si mesmas e do mundo.

Um corolário da doutrina da Trindade é que o conhecimento humano é analógico. O conhecimento humano deve sempre depender do conhecimento divino. Qualquer coisa que o ser humano saiba ele sabe somente porque ele conhece a Deus. Por esta razão também o homem nunca pode conhecer alguma coisa de modo exaustivo como Deus a conhece.²⁰

Aqui reside a chave para compreender o conceito de analogia em Van Til. Não há qualquer autonomia epistêmica no processo de aquisição de conhecimento. Muito pelo contrário, todo conhecimento verdadeiro é analógico porque é fundamentalmente dependente do conhecimento de Deus. Este conhecimento analógico se dá tanto ao se conhecer o próprio ser de Deus, revelado na criação e nas Escrituras, quanto no ato de conhecer a si mesmo e o mundo à sua volta.

¹⁸ CLARK, *God's Hammer*, p. 55. Cornelius Van Til também acusou as ideias de Clark de estarem fora da tradição reformada e bíblica: “Deixando de fazer a distinção entre a primazia do intelecto que é fundamentada na distinção Criador-criatura como é o caso com os gregos, Clark argumenta que esta primazia do intelecto salva do ceticismo. Mas a primazia do intelecto como os gregos mantiveram levou historicamente e logicamente ao ceticismo irracionalista moderno. É somente o cristianismo que pode salvar do ceticismo”. VAN TIL, Cornelius. *An Introduction to Systematic Theology*. Pennsylvania: Presbyterian and Reformed, 1974, p. 161. Parece-nos que ambos estavam muito atentos ao uso de *ad hominem*, mas pouco dispostos a se tratarem com cordialidade cristã.

¹⁹ FRAME, *A doutrina do conhecimento de Deus*, 2010, p. 52. Fiz uma tradução própria por acreditar que a tradução em português não ficou adequada. “Van Til does teach that all of our thinking about God is ‘analogical,’ but in his vocabulary analogical means ‘reflective of God’s original thought’.” (Van Til ensina que todo o nosso pensamento sobre Deus é “analógico”, mas em seu vocabulário analógico significa “reflexo do pensamento original de Deus”).

²⁰ VAN TIL, *A Survey*, p. 48.

O fato de que o conhecimento do homem deve sempre permanecer analógico é aplicável ao seu conhecimento de Deus, bem como ao seu conhecimento do universo. Deus nunca será exaustivamente compreendido em sua essência pelo homem. Se fosse, não seria mais Deus. Nesse caso, não haveria solução para o problema do conhecimento.²¹

Para Van Til, o Deus-Criador é também o intérprete que pré-interpretou toda a realidade. Essa pré-interpretação é estabelecida nos decretos de Deus, pois o conhecimento de Deus sobre o mundo está fundamentado em sua própria vontade em predestinar todas as coisas conforme a sua vontade. É nesse sentido que o conhecimento do homem lida sempre com o que Deus revelou, portanto, é sempre dependente de Deus. Assim, todo conhecimento verdadeiro “é verdadeiro porque é analógico”.²²

Se realmente conseguimos localizar o conceito de analogia de Van Til em relação a Tomás de Aquino e à crítica de Gordon Clark, podemos partir para uma avaliação mais propositiva do que o próprio Van Til realmente tem a dizer sobre a analogia. É sobre isso que o restante do artigo tratará.

3. O CONCEITO DE ANALOGIA EM CORNELIUS VAN TIL

Para uma exposição do que realmente caracteriza o conceito de analogia do conhecimento segundo Cornelius Van Til, começaremos mostrando a natureza do conhecimento de Deus sobre si mesmo e sobre a criação, a partir daquilo que a Escritura nos revela sobre a onisciência de Deus. Em seguida, trataremos do conhecimento do homem sobre Deus, sobre si mesmo e sobre o mundo. Nossa investigação tem por objetivo mostrar que Van Til nos presenteia com uma excelente defesa da doutrina bíblica do conhecimento de Deus e do homem, e que esses tipos de conhecimento não estão na categoria de univocidade, tampouco de equivocidade, mas de analogia. Tanto a univocidade quanto a equivocidade partem do ponto de vista de uma autonomia do pensamento humano, o que devemos negar se quisermos adotar uma epistemologia fundamentalmente bíblica.

Em sua introdução à teologia sistemática, Cornelius Van Til lida com a questão do conhecimento de Deus sobre si mesmo. Talvez um dos grandes *insights* de Van Til seja perceber que, antes de lidarmos com o conhecimento de Deus sobre o mundo, precisamos reconhecer que Deus detém conhecimento completo e exaustivo sobre si mesmo. Isso significa que ele tem todo o conhecimento sobre o seu próprio Ser. Em uma linguagem kantiana, todo o conhecimento de Deus é analítico.

²¹ Ibid.

²² Ibid.

O conhecimento de Deus é, portanto, exclusivamente analítico, isto é, autodependente. Nunca houve um fato qualquer que, existindo independente de Deus, ele teve que investigar. Deus é o único e último Fato. Nele, i. e., com respeito ao seu próprio Ser, à parte do mundo, fato e interpretação do fato são contérminos.²³

Para Van Til, “todas as coisas estão descobertas e expostas aos olhos”²⁴ de Deus. Ele não precisa empreender uma pesquisa acurada sobre a criação. Deus conhece a si mesmo; portanto, conhece sua própria obra, e isso desde a eternidade. Portanto, tanto a intenção de Deus ao criar determinado fato quanto o fato em si são, para Deus, a mesma coisa, ou seja, a interpretação que Deus dá à realidade é a própria realidade criada por ele. Não há nada no mundo que seja independente de Deus e do seu conhecimento. Isso nos mostra a dependência da epistemologia em relação à ontologia. Uma vez que o Ser de Deus é o fundamento último da realidade e do próprio conhecimento da realidade, todo conhecimento humano deve estar atrelado ao próprio conhecimento de Deus. Aqui reside a dependência do sistema de Van Til de Agostinho²⁵ e de João Calvino.²⁶

O que era mais necessário desde o tempo de Agostinho era uma elaboração mais clara da concepção de Deus como o ser absolutamente autoconsciente no qual a unidade e a diversidade são igualmente fundamentais, e uma elaboração correspondente da noção da mente humana como um agente receptivo reconstitutivo. Pensando os pensamentos de Deus após ele.²⁷

Na tradição Agostinho-Calvino, o conhecimento de Deus é o fundamento para todo conhecimento, inclusive o nosso conhecimento de nós mesmos. Isso se deve exatamente ao reconhecimento do conhecimento como fruto da relação do conhecedor com a revelação de Deus. Todo o conhecimento é revelacional,

²³ VAN TIL, *An Introduction*, p. 10.

²⁴ Hb 4.13 (NAA). “(...) o passado, o presente e o futuro são como uma só coisa para Deus. Enquanto estamos ligados ao tempo e ao espaço, Deus habita na eternidade e transcende a tudo que ele fez em sua grande criação. Ele criou as magníficas constelações no espaço e colocou as estrelas em seu lugar. Ele também criou a pequenina aranha que rapidamente forma sua teia. Se, pois, seu olho está sobre o pardal, não sabe ele das intenções escondidas do homem? Antes que abramos nossa boca para falar, Deus já sabe. Se permanecemos em silêncio, ele discerne”. KISTEMAKER, Simon. *Hebreus*. 2. Ed. Comentário do Novo Testamento. São Paulo: Cultura Cristã, 2013, p. 167.

²⁵ “Desejo conhecer a Deus e a alma (*Deum et animam scire cupio*)”. AGOSTINHO. *Solilóquios e Vida Feliz*. São Paulo: Paulus, 2014 (Sol. I.ii.7).

²⁶ Quase toda a soma de nosso conhecimento, que de fato se deva julgar como verdadeiro e sólido conhecimento, consta de duas partes: o conhecimento de Deus e o conhecimento de nós mesmos. Como, porém, se entrelaçam com muitos elos, não é fácil, entretanto, discernir qual deles precede ao outro, e ao outro origina. CALVINO, João. *As Institutas*. Edição Clássica. Trad. Waldyr Carvalho Luz. São Paulo: Cultura Cristã, 2006, vol. 1, p. 41 (I.1.1).

²⁷ VAN TIL, *A Survey*, p. 61.

pois, em última instância, todo o conhecimento depende do próprio Deus. Nesse sentido, a epistemologia reformada, a qual Van Til evoca, se distingue daquela oriunda do catolicismo romano, fruto da teologia escolástica.

Temos agora diante de nós a dificuldade mais fundamental inerente a toda apologética católica romana. A epistemologia de Roma é tão amplamente pagã que nunca pode esperar oferecer uma verdadeira antítese ao modernismo. Pensa-se que a mente humana é capaz de estudar fatos sem necessariamente pensar nesses fatos como derivados de Deus.²⁸

Certamente devemos considerar que Van Til está herdando sua filosofia da epistemologia dessa longa tradição reformada oriunda da tradição Agostinho-Calvino, mas que foi sistematizada de modo muito apropriado pelo grande teólogo holandês Herman Bavinck (1854-1921). É de Bavinck que Van Til extraiu a ideia, muitas vezes usada por ele, de que devemos pensar os pensamentos de Deus após ele. Isso acontece porque para Bavinck a grande tarefa do teólogo não é propor um sistema teológico a partir de sua experiência, mas se submeter àquilo que foi revelado pela Palavra de Deus, reconhecendo, portanto, a unidade da revelação de Deus, tanto geral quanto especial, que jamais podem se contradizer.

Pois, se o conhecimento de Deus foi revelado por ele mesmo em sua palavra, ele não pode conter elementos contraditórios ou estar em conflito com aquilo que se sabe de Deus a partir da natureza e da história. Os pensamentos de Deus não podem se opor uns aos outros e, assim, necessariamente formam uma unidade orgânica.

A tarefa imperativa do teólogo dogmático é pensar os pensamentos de Deus de acordo com ele e estabelecer sua unidade. Sua tarefa não termina até que ele tenha absorvido mentalmente essa unidade e a tenha demonstrado em uma dogmática. Sendo assim, ele não vai à revelação de Deus com um sistema pronto para, da melhor forma que puder, forçar o conteúdo da revelação a encaixar-se dentro dele. Pelo contrário, até mesmo em seu sistema, a única responsabilidade do teólogo é pensar os pensamentos de Deus de acordo com ele e reproduzir a unidade que está objetivamente presente nos pensamentos de Deus e foi registrada para o olhar da fé na Escritura. Essa unidade que existe no conhecimento de Deus contido na revelação não está aberta a dúvidas: recusar-se a reconhecê-la seria cair no ceticismo, na negação da unidade de Deus.²⁹

Aqui está uma questão importantíssima no pensamento de Van Til. Uma vez que há uma unidade orgânica entre a revelação geral e especial, entre aquilo

²⁸ Ibid., p. 59.

²⁹ BAVINCK, Herman. *Dogmática reformada*. Ed. John Bolt. São Paulo: Cultura Cristã, 2012, vol. 1, p. 44. Minha ênfase.

que Deus fala pela natureza e aquilo que ele fala pelas Escrituras, a tarefa tanto do teólogo quanto do filósofo, e de qualquer outro empreendimento científico, é conhecer os pensamentos de Deus revelados e pré-interpretados pelo próprio Criador. Dito isto, já que a revelação geral é insuficiente para fornecer os pressupostos necessários para a tarefa do conhecimento, toda ciência deve partir da exegese bíblica, que procura interpretar as Escrituras, bem como da Teologia Sistemática, que fornece os pressupostos que guiarão ao verdadeiro conhecimento.³⁰

Todo conhecimento pode ser chamado de conhecimento teológico. Nós mesmos podemos, se desejarmos, identificar o conceito de conhecimento analógico com o conceito de conhecimento teológico. Não podemos conhecer sem Deus nada em física ou psicologia além do que conseguimos sem Deus conhecer sobre a salvação da alma. Nenhum único fato neste universo pode ser conhecido verdadeiramente pelo homem sem a existência de Deus.³¹

Como podemos observar, Van Til considera a existência e a revelação de Deus como *a condição de possibilidade* para o conhecimento. Ele enfaticamente negava a ideia de fatos brutos, como se fosse possível conhecer a realidade por ela mesma. Para Van Til, não há verdades soltas ou abstratas. Todos os fatos são derivados da própria mente ou dos planos de Deus. Nesse sentido, tanto Deus quanto o homem buscam conhecimento da mesma fonte, ainda que, obviamente, haja uma diferença infinita em como Deus conhece sua própria mente e como o homem conhece a mente de Deus, mediado pela revelação geral e especial. Portanto, “devemos pensar em Deus como o ponto de partida último de nosso conhecimento. Deus é o arquétipo, enquanto nós somos os éctipos. O conhecimento de Deus é arquétípico e o nosso, ectípico”.³²

³⁰ Essa questão está no centro de outro grande debate que Van Til travou. Nesta ocasião, com a filosofia reformacional holandesa, especialmente com seu amigo Herman Dooyeweerd. Não é nosso objetivo detalhar essa questão, mas ela pode ser vista no livro *Jerusalem & Athens: Critical Discussions on the Philosophy and Apologetics of Cornelius Van Til*, organizado por E. R. Geehan (Nutley, N.J.: Presbyterian and Reformed, 1971). Um trabalho menos conhecido, mas importante para essa discussão é o artigo de Van Til “The *Umkehr* at Amsterdam” publicado no livro SKILTON, John H. *The Law and the Prophets: Old Testament Studies Prepared in Honor of Oswald Thompson Allis*. Nutley, NJ: Presbyterian & Reformed, 1974.

³¹ VAN TIL, *An Introduction*, p. 14.

³² *Ibid.*, p. 203. “Termo introduzido pelos platônicos de Cambridge para indicar a natureza como algo diferente e dependente de Deus e como princípio da ordem e da regularidade do mundo. Como Deus não faz tudo diretamente e como nada acontece por acaso, deve haver um princípio (*Plastic nature, Nature, Spiritus naturae*) que execute a parte da providência divina referente à regularidade dos fenômenos. “A natureza”, diz Cudworth, “não é o Arquétipo da arte divina, mas só o éctipo; é a marca ou a assinatura viva da sabedoria divina, que, através dela, age exatamente segundo seu arquétipo apesar de não compreender a razão do que faz” (*The True Intellectual System of the Universe*, I, 1, 3). Essa palavra foi empregada com o mesmo significado por Berkeley: “Reconheço um duplo estado de coisas:

Para Van Til, o conhecimento é sempre pessoal, isto é, há uma necessidade fundamental de que a realidade seja compreendida dentro de uma *relação pactual* e não meramente objetiva. Numa proposta epistemológica secular, a mente pensante direciona-se ao objeto do conhecimento numa relação direta mediada somente pela experiência. Kant inicia a famosa introdução (B) de sua *Crítica da Razão Pura* afirmando exatamente esta situação: “Não resta dúvida de que todo o nosso conhecimento começa pela experiência”.³³ Enquanto o ponto de partida das epistemologias seculares é a experiência, o ponto de partida da epistemologia cristã é o pacto da graça. Este pacto, fundamentado nas pessoas da Trindade, é condição *sine qua non* para todo o conhecimento. Aqui, mais uma vez, encontramos a dependência da teoria do conhecimento de Van Til da teologia. Seguindo Calvino, Van Til acredita que:

Se as pessoas da Trindade são representativamente exaustivas de uma com a outra, o pensamento humano é também lançado em linhas representacionais. Nesse caso, não haveria nada além de uma atmosfera completamente personalista na qual a personalidade humana pudesse funcionar. Assim, quando o homem enfrentasse qualquer fato, ele estaria *ipso facto* face a face com Deus. É tanto metafísica quanto religiosamente verdade que o homem deve viver e não pode deixar de viver *coram Deo* sempre.³⁴

O princípio pactual da teoria do conhecimento cristão, conforme observa Van Til, é uma demonstração da total dependência do homem em relação a Deus. É neste sentido que devemos entender o pensamento analógico na filosofia cristã. O homem está sempre em um relacionamento pactual com Deus. Ao nascer, herdeiro da queda em Adão, este homem será um quebrador do pacto (*covenant breaker*), mas, redimido em Cristo, ele será um guardador do pacto (*covenant keeper*). É somente por causa do pacto que o homem estará a salvo do ceticismo. Deus fez uma promessa: “O SENHOR dá a sabedoria, e da sua boca vem o conhecimento e a inteligência” (Pv 2.6). É somente pela execução dos seus decretos na criação e na providência, mediados pelo pacto da graça em Cristo, que podemos falar em conhecimento e em verdade.

É esse fato da prioridade da relação positiva de Deus com o mundo no caminho da criação e da providência, no caminho da criação do homem à imagem de

um, éctipo e natural; o outro, *arquétipo* e eterno. O primeiro foi criado no tempo; o segundo existia na eternidade no espírito de Deus” (*Dial. Between Hylas and Philonous*, ed. Jessop, III, p. 254). E Kant distingue um intelecto arquétipo, que é o divino, que cria os objetos pensando-os, do intelecto éctipo, que é o humano ou finito, não criativo, mas discursivo (*Crít. do Juízo*, 11, § 77)”. ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 305. Van Til deve ter em mente o conceito de Kant ao tratar dos termos éctipo e arquétipo.

³³ KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Pura*. 9ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2018, p. 36.

³⁴ VAN TIL, *A Survey*, p. 81.

Deus, que salva do ceticismo. A ideia cristã do conhecimento humano como análogo ao conhecimento de Deus é, portanto, a única posição em que o homem, que não pode controlar ou saber nada no sentido abrangente do termo, pode, no entanto, ter certeza de que seu conhecimento é verdadeiro.³⁵

É salutar, portanto, considerar um exemplo extraído de Van Til para vermos como ele mesmo considera essa relação do conhecimento de Deus e do homem em analogia. A essa altura, já deve ter ficado claro que o conhecimento do homem é verdadeiro assim como o de Deus é, ainda que não possamos dizer que a verdade deste conhecimento seja unívoca. Qualquer defesa de univocidade no conhecimento automaticamente atribuiria à verdade um *status* de autonomia de Deus, o que está em oposição à doutrina da criação. Esta citação de Van Til sobre a lei da não-contradição poderá exemplificar bem o que queremos dizer:

Em contraste com isso, o cristianismo sustenta que Deus existia sozinho antes de qualquer tempo que a existência fosse trazida. Ele existia como o ser auto-consciente e autoconsistente. A lei da contradição, portanto, como a conhecemos, é apenas a expressão em um nível criado da coerência interna da natureza de Deus. Os cristãos, assim, nunca devem apelar para a lei da contradição como algo que, como tal, determina o que pode ou não ser verdade. Parmênides serve como um aviso sobre o que acontece com a história se a lei da contradição for feita dessa maneira como o padrão supremo de apelo no pensamento humano. Parmênides concluiu que, para compreender qualquer coisa histórica, ela teria de ser reduzida a um elemento de um sistema atemporal de categorias. Ele, portanto, negou a realidade e o significado de toda pluralidade histórica. Nos tempos modernos, é costume usar a lei da contradição de forma negativa e não positiva, como Parmênides fez. Na superfície, isso parece deixar espaço para a factualidade histórica. Mas só o faz se essa factualidade histórica for pensada como incognoscível ou irracional.³⁶

Esta longa citação nos apresenta uma questão fundamental sobre o conhecimento e a própria lógica. Van Til apresenta a lei da não-contradição, uma das três leis fundamentais da lógica,³⁷ como tendo origem no próprio ser de Deus, porém, em um nível criado, isto é, em analogia ao que realmente se dá no ser de Deus. Isso significará basicamente duas coisas: primeiro, todo uso da lógica tem de estar submetido à condição de possibilidade da própria existência do Deus Trino; segundo, todo uso que fizermos dessa lei está limitado ao próprio uso que Deus faz dela em sua revelação. Isso também será verdade para todo e qualquer conhecimento humano. Haverá sempre dois níveis de conhecimento, e o segundo será sempre derivado do primeiro. Pois,

³⁵ VAN TIL, *An Introduction*, p. 185.

³⁶ *Ibid.*, p. 11.

³⁷ As outras duas são: (1) a lei da identidade e (2) a lei do terceiro excluído.

os cristãos também devem acreditar em dois níveis de conhecimento: o nível do conhecimento de Deus, que é absolutamente abrangente e autocontido, e o nível do conhecimento do homem, que não é abrangente, mas é derivado e reinterpreta-tivo. Por isso, dizemos que, como cristãos, acreditamos que o conhecimento do homem é análogo ao conhecimento de Deus.³⁸

O teísmo cristão afirma que existem dois níveis de pensamento: o absoluto e o derivado. Segundo essa perspectiva, existem dois níveis de intérpretes: Deus, que interpreta de forma absoluta, e o homem, que deve reinterpretar a interpretação de Deus. Assim, o pensamento humano é considerado analógico em relação ao pensamento de Deus. Em oposição a isso, o pensamento não cristão sustenta que a distinção entre o pensamento absoluto e o derivado deve ser eliminada. Embora os pensamentos de Deus possam ser mais abrangentes do que os nossos, eles não são completos sem os nossos. Isso significa que, assim como todo ser era considerado igualmente último, agora todo pensamento é considerado igualmente último. Existe apenas um nível de intérpretes; se Deus entra no cenário, é como um colaborador com o homem. Não pensamos os pensamentos de Deus após Ele, mas, juntamente com Deus, concebemos pensamentos que nunca foram pensados nem por Deus nem pelo homem. As filosofias não cristãs sustentam que o pensamento humano é unívoco em vez de analógico.³⁹

CONCLUSÃO

Este artigo buscou sintetizar a análise aprofundada do conceito de analogia no conhecimento, conforme proposto por Cornelius Van Til. Em sua abordagem, Van Til enfatiza que todo conhecimento verdadeiro é, em última análise, dependente do conhecimento de Deus, refletindo a doutrina da distinção entre Criador e criatura. Este entendimento é fundamental para a epistemologia reformada, pois rejeita qualquer forma de autonomia epistêmica e afirma que todo conhecimento humano é derivado e interpretativo, sempre em analogia ao conhecimento divino.

Van Til estabelece que a revelação geral e especial de Deus forma uma unidade orgânica, na qual a teologia sistemática desempenha um papel crucial ao fornecer os pressupostos necessários para a verdadeira compreensão da realidade. A ideia de que devemos “pensar os pensamentos de Deus após ele” ilustra a necessidade de submeter todas as formas de conhecimento à soberania e à revelação divina.

A análise do conceito de analogia em Van Til, em contraste com as críticas de Gordon Clark e a filosofia de Tomás de Aquino, revela a robustez da abordagem vantilianiana na construção de uma epistemologia que honra a estrutura factual do relacionamento entre Deus e o homem. A verdadeira epistemologia reformada, conforme defendida por Van Til, não apenas oferece uma base sólida

³⁸ VAN TIL, *An Introduction*, p. 11-12.

³⁹ VAN TIL, *Defense of the Faith*, p. 47-48.

para a ciência e a piedade cristã, mas também destaca a submissão necessária ao Ser de Deus.

Em suma, o conceito de analogia em Van Til promove uma visão do conhecimento que é intrinsecamente teocêntrica e revelacional, rejeitando a ideia de fatos brutos ou conhecimento autônomo. Esta perspectiva é essencial para uma compreensão coerente e bíblica da realidade, reafirmando a importância de uma epistemologia para a glória de Deus.

ABSTRACT

This article briefly introduces one of the most significant concepts in the apologetics of the pastor and theologian Cornelius Van Til. Initially, the paper aims to present the distinctions between Van Til's concept of analogy and that of Thomas Aquinas, particularly regarding the latter's dependence on the Aristotelian *analogia entis*. Understanding this distinction is crucial for comprehending the criticisms made by Gordon Haddon Clark and proposing a possible reconciliation. The latter half of the paper is dedicated to a positive presentation of the concept of analogy in Cornelius Van Til's principal writings.

KEYWORDS

Cornelius Van Til; Analogy; *Analogia entis*; Thomas Aquinas; Gordon Clark.